

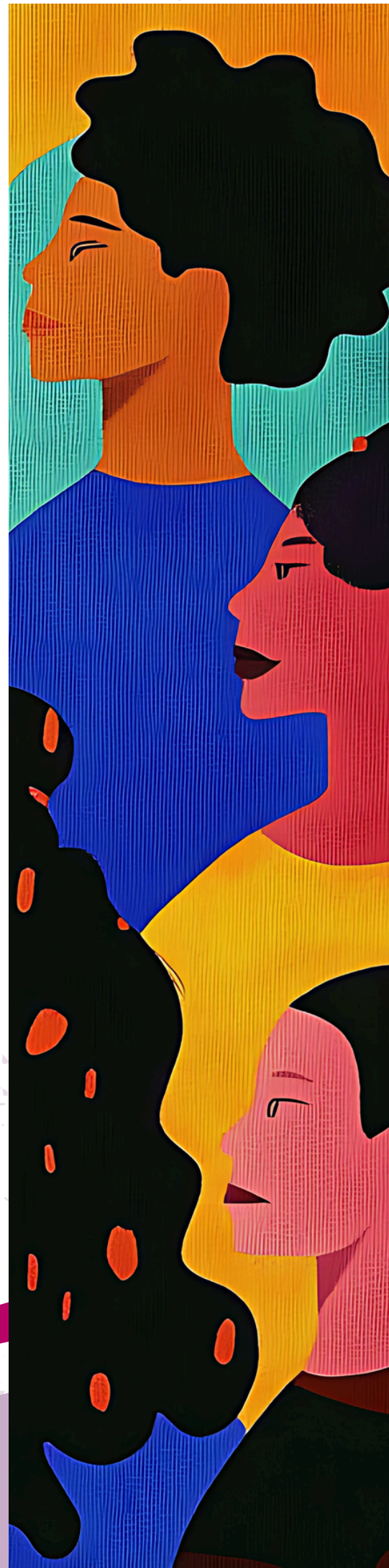
# INTERSECCIONALIDADE NA DESIGUALDADE DE GÊNERO

Aprenda como diferentes  
formas de opressão se  
conectam e aprofundam as  
desigualdades de gênero  
na sociedade.



**Autoria:**

Jessica Lemos Grings  
Taise Silva da Rosa



Ficha catalográfica elaborada pelos autores da obra de acordo com as Regras de Catalogação Anglo-Americanas, 2ª Edição - AACR2.

Grings, Jessica Lemos.

*Interseccionalidade na desigualdade de gênero*. [recurso eletrônico] / Taise Silva da Rosa, Camila Sissa Antunes. Inclui ilustrações. – 1. ed. –São Borja–RS : Universidade Federal do Pampa, 2025. 15 p. : il. ; Formato digital.

ISBN: 978-65-01-83573-0

1. Desigualdade de gênero. 2. Desigualdades sociais. 3. Interseccionalidade.  
4. Gênero. 5. Políticas públicas.

I. Grings, Jessica Lemos. II. Rosa, Taise Silva da. III. Antunes, Camila Sissa.  
*Interseccionalidade na desigualdade de gênero*.

# APRESENTAÇÃO



O ambiente de trabalho, especialmente na área da saúde, impõe exigências físicas, emocionais e cognitivas intensas, que podem gerar sobrecarga e impactar diretamente o bem-estar dos profissionais. Diante desse cenário, torna-se fundamental refletir não apenas sobre o cuidado com o outro, mas também sobre o cuidado consigo.

As desigualdades sociais e de gênero atravessam esse contexto de forma desigual, afetando especialmente mulheres que acumulam múltiplas jornadas, responsabilidades e vulnerabilidades. Reconhecer essas desigualdades é um passo essencial para promover ambientes de trabalho mais saudáveis, humanos e equitativos.

Nesse sentido, o PET-Saúde Equidade UNIPAMPA desenvolveu esta cartilha com o objetivo de fomentar reflexões críticas sobre a interseccionalidade e suas implicações na desigualdade de gênero, contribuindo para práticas de cuidado, escuta e acolhimento mais sensíveis às diferentes realidades vividas pelas mulheres.

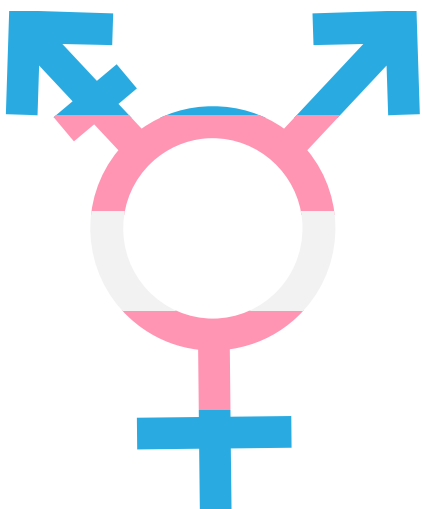
# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. QUANDO SER MULHER NÃO É A ÚNICA MARCA
3. O QUE É INTERSECCIONALIDADE?
4. ORIGEM
5. POR QUE É IMPORTANTE?
6. NÃO HÁ JUSTIÇA DE GÊNERO SEM JUSTIÇA SOCIAL
7. ESCUTA, EMPATIA E AÇÃO COLETIVA
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS
9. REFERÊNCIAS

# 1. INTRODUÇÃO

Compreender a desigualdade de gênero exige olhar para além de uma única dimensão da vida social. As experiências das mulheres são atravessadas por diversos fatores — como raça, classe social, território, sexualidade, idade e deficiência — que produzem realidades distintas e desiguais.

Ao reconhecer essas múltiplas camadas, ampliamos nossa compreensão sobre como as opressões se manifestam de maneira complexa e desigual. Esta cartilha propõe uma reflexão sobre essas intersecções, convidando o leitor a enxergar com mais clareza as estruturas que moldam a sociedade e impactam diretamente a vida das mulheres.



## 2. QUANDO SER MULHER NÃO É A ÚNICA MARCA

Nem todas as mulheres vivenciam o gênero da mesma forma. Ser mulher não é a única condição que define suas experiências sociais. Outros marcadores — como raça, classe, orientação sexual e território — se cruzam e intensificam desigualdades.



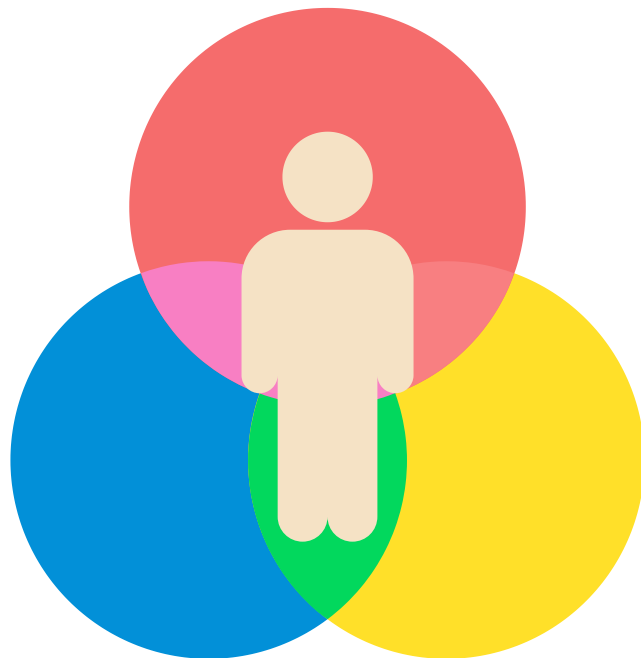
Essas intersecções revelam que a luta por igualdade de gênero não pode ser dissociada do combate ao racismo, à pobreza, à exclusão social e a outras formas de opressão. Entender essas conexões é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

### 3. O QUE É INTERSECCIONALIDADE?

A interseccionalidade é um conceito que explica como diferentes formas de opressão — como machismo, racismo, classismo, LGBTfobia e capacitismo — não atuam de maneira isolada.

Elas se cruzam, se combinam e se reforçam, produzindo experiências específicas de desigualdade.

Mais do que somar opressões, a interseccionalidade demonstra que essas desigualdades se entrelaçam, criando realidades complexas, especialmente para mulheres em contextos de maior vulnerabilidade social.



## 4. ORIGEM:

O termo interseccionalidade foi formulado pela jurista e ativista Kimberlé Crenshaw, no final dos anos 1980. Ao analisar casos jurídicos, Crenshaw evidenciou como o sistema de justiça falhava ao não reconhecer as experiências específicas das mulheres negras, que sofriam simultaneamente racismo e machismo.



Figura 1 - Foto Kimberlé Crenshaw  
Fonte: Twitter pessoal.

Sua contribuição revelou que tratar essas opressões de forma separada invisibiliza realidades concretas e aprofunda injustiças, reforçando a necessidade de abordagens mais integradas e sensíveis às diferenças.

## 5. POR QUE É IMPORTANTE?

Pensar a partir da interseccionalidade permite compreender melhor as desigualdades sociais e criar políticas públicas mais justas e eficazes. Esse olhar contribui para ações que reconheçam a diversidade das experiências femininas e evitem soluções genéricas que não atendem a todas.

### EXEMPLO PRÁTICO:

Uma mulher negra e pobre enfrenta desigualdades de gênero, mas também de raça e classe, isso pode afetar sua chance de emprego, salário, acesso à saúde e segurança.

**Mulheres vivem o gênero de formas diferentes, pois suas vidas também são atravessadas por outros fatores, como raça, classe social, sexualidade, idade, deficiência, entre outros. Esses marcadores se cruzam e produzem desigualdades específicas, que não podem ser entendidas se olharmos apenas o gênero isoladamente.**

## 6. NÃO HÁ JUSTIÇA DE GÊNERO SEM JUSTIÇA SOCIAL:



A igualdade de gênero só é plenamente alcançada quando considera e combate todas as formas de desigualdade que atravessam a vida das mulheres. Racismo, pobreza, violência e discriminação de orientação sexual ou identidade de gênero são dimensões inseparáveis dessa luta.

Promover justiça de gênero significa, portanto, promover justiça social, reconhecendo as diferenças e garantindo direitos de forma equitativa.



## 7. ESCUTA, EMPATIA E AÇÃO COLETIVA:

Transformar realidades desiguais exige mais do que reconhecimento teórico. É necessário ouvir as diversas vozes das mulheres, exercitar a empatia e fortalecer ações coletivas que promovam mudanças concretas.



A construção de uma sociedade mais justa passa pelo diálogo, pelo respeito às diferenças e pelo compromisso coletivo com a dignidade e a igualdade.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseccionalidade nos ensina que a desigualdade de gênero não é homogênea. Ela se intensifica quando se cruza com racismo, pobreza, violência e ausência de acesso a direitos fundamentais.

Reconhecer essas intersecções é essencial para construir práticas mais humanas, políticas públicas mais justas e relações de cuidado que respeitem as singularidades de cada trajetória. Ao compreender essas camadas, fortalecemos nossa visão crítica e ampliamos nossas possibilidades de resistência e transformação social.



## Para produzir essa cartilha, **consultamos:**

CRENSHAW, Kimberlé. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color." *Stanford Law Review*, 1991.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOOGLE IMAGES. Miniatura de imagem disponível em servidor de cache do Google. 2025. Disponível em: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS49jKrTBUNmQbne8\\_bNp-EtA7iyY2oYjM0kJ8r5c14qXueK0n6KLhj7PeZflhx4CenitP6BKg=8srDGMq8WxxggIxTsCOK2SqoQ\\_7O1g&s=10](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS49jKrTBUNmQbne8_bNp-EtA7iyY2oYjM0kJ8r5c14qXueK0n6KLhj7PeZflhx4CenitP6BKg=8srDGMq8WxxggIxTsCOK2SqoQ_7O1g&s=10). Acesso em: dia mês ano.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



### **Equipe de produção:**

Évelin da Rosa  
Jessica Grings  
Taise Silva da Rosa

### **Email para contato:**

[petsaudeunipampa@gmail.com](mailto:petsaudeunipampa@gmail.com)

### **Saiba mais:**



PREFEITURA DE  
**URUGUAIANA**  
CUIDAR DA CIDADE É CUIDAR DAS PESSOAS